



# Homem fora do seu tempo

AJ02573

Minha mãe dizia: “Aproveita, meu filho! A vida é curta! O tempo passa depressa...”

Talvez, vocês, que me dão a satisfação de ler o que escrevo, não sabem que estão tratando com o homem mais apressado do mundo, incapaz de deixar para fazer amanhã o que pode ser feito agora.

Conheci, na década de 50, quando cheguei a Vitória, um desses homens raros do Estado do Espírito Santo, Jones dos Santos Neves, governador e um cidadão dedicado ao trabalho de forma persistente. Me afeiçoei àquele senhor raro, bonachão, que muita gente dizia ser carrancudo, metido a besta, mas era um cara fascinante, um contador de sutis casos e anedotas, devoto de uma profunda lealdade aos seus amigos.

Dr. Jones, vez por outra, me encarregava de um trabalho e, invariavelmente, com aquela prudência que o caracterizava, perguntava: “Produção (o apelido que me colocou e que nunca chamava na vista de estranhos, só dos meus ou dos seus familiares), quando você me entrega o trabalho?” Sempre colocava um ou dois dias para frente, e ele anotava numa cadernetinha preta, que tinha sobre a mesa mas não a esquecia no gabinete. Nunca entreguei os trabalhos fora da data programada, sempre antes, o que o levou a me apelidar de “Produção Contínua”.

Como homem dedicado ao trabalho, ficava até alta madrugada trabalhando no seu gabinete, no Palácio Anchieta, e, seus familiares, inclusive os velhos e saudosos amigos Christiano Dias Lopes Filho, Antenor de Carvalho, Orlando Cariello, e outros mais próximos, pediram-me que falasse

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca

com ele para não se “matar” de trabalhar, a política não recompensaria seus esforços.

Sentei-me à frente daquele homem, ao meio de uma noite e, como sempre, olhou-me entre o aro superior dos óculos e as sobrancelhas, e indagou: “Produção, como vai? Seu pai? E o Carlyle?” (era meu cunhado, deputado por Baixo Guan- du, e seu amigo), e continuava com sua letrinha redonda, bem trabalhada, a fazer seus apontamentos, os discursos, respondendo cartas e telegramas. Era um incansável...

“Dr. Jones. Não quero atrapalhar o senhor, mas estão me pedindo para instá-lo para que não trabalhe tanto, até altas horas da noite, porque o governador pode adoecer e ficarmos sem sua pessoa”, e uma porção de tolices mais...

Imperturbável, ele voltou a olhar em minha direção e arrematou de uma só vez, o que queria falar comigo: “Produção, esta é a melhor hora para trabalhar, sem que os políticos estejam me enchendo o saco, fazendo pedidos absurdos. Olha, é a única hora que a classe política não está roubando e o Estado, o país, progredem. Vou morrer nada. Uma boa noite para você!” Aquele era o “velho Jones”, como Alvin Gatti costumava chamá-lo,

quando estava numa roda conversando sobre seus esforços administrativos.

Hoje, vendo a luta do governador Paulo Hartung, sua capacidade de arregimentar as melhores pessoas para ajudá-lo na tarefa de administrar o Estado, avalio como ainda existem pessoas decentes no país, que querem botar toda sua capacidade, sua força de trabalho, em prol do desenvolvimento econômico e social da sociedade, do país e, a par disso tudo, vejo o terrível contraste nas ações, dessa figura inconsequente de Lula, com suas proverbiais tiradas, contrastando com tanta seriedade que ainda existe.

Jerônimo Monteiro, Carlos Lindenberg, Jones dos Santos Neves, Christiano Dias Lopes Filho, Arthur Carlos Gerhardt Santos, Paulo Hartung e outros que, munidos de formidável espírito público, tem dado tudo de si, em prol da grandeza deste país que hoje, infelizmente está à mercê de um bando de malfeitores que apaga o trabalho realizado pela meia dúzia de excelentes realizadores.

De Getúlio à esta parte da República brasileira passaram três homens importantes na nossa história política: Castelo Branco, Garrastazu Médice e Ernesto Geisel. O que, de resto, fez essa gente política que passou pela presidência da República, a começar por Sarney e por acabar, agora, no “professor” Lula, dá para ter pena do Brasil e do seu povo.

Como o velho Jones tinha razão...

●● Gutman Uchôa de Mendonça escreve às terças-feiras e aos sábados.  
www.uchoademendonca.jor.br